



PROJETO DE PESQUISA DE PÓS-DOCTORADO (PPG-Fil USP)

Título: A influência do pensamento egípcio em Platão

Pesquisador: Carlos Augusto de Oliveira Carvalhar

Supervisor: Roberto Bolzani Filho

INTRODUÇÃO

Se Platão menciona diretamente o Egito¹ e outros autores da Antiguidade atestam a estada dele às margens do Nilo ao longo de vários anos², não causa espanto que existam apenas poucos trabalhos contemporâneos discutindo a influência do pensamento egípcio nesse autor? Esse projeto, portanto, pretende ocupar um lugar bem delimitado nessa discussão ainda muito lacunar. A proposta aqui defendida *não* é discutir a historicidade da viagem de Platão no Egito, nem resgatar a polêmica do séc. XX sobre a influência ‘oriental’ em sua obra³, nem tentar encontrar o lugar geográfico de Atlântida⁴, tampouco discutir as influências do hermetismo greco-romano no platonismo⁵. Na

1 Por exemplo, uma breve pesquisa no *corpus platonicum* disponível no TLG expõe que a palavra Αἴγυπτος (Egito) é encontrada em *Fédon* 80c8; *Político* 290d9; *Filebo* 18b7; *Fedro* 274d2; *Górgias* 511d7; *Menêxeno* 241e1, 245d2, 239e2; *República* IV 436a2; *Timeu* 21c6, 21e1, 25b1; *Crítias* 114c7; *Leis* II 656d2, II 656d3, II 660c1, VII 819b1; *Epinomis* 987a2. Além disso, Platão ainda se refere ao Rio Nilo (Νεῖλος em *Timeu* 21e2, 22d5; *Fedro* 257e1), à língua egípcia (Αἰγυπτιστί em *Timeu* 21e4), aos egípcios (Αἰγύπτιος em *Fedro* 274d6, *Eutidemo* 288b8), a cidades nilóticas como Saís (Σαῖτικός em *Timeu* 21e2, Σάις em *Timeu* 21e4), Tebas (Αἰγυπτίας Θήβας em *Fedro* 274d4) e Náucratis (Ναύκρατις em *Fedro* 274c5), ao faraó histórico Amásis da XXVI dinastia (Ἀμασις em *Timeu* 21e4) e ao provavelmente apenas mítico Thamou (aparecendo unicamente no genitivo Θαμοῦ em *Fedro* 274d3), bem como ainda se refere a deuses egípcios, como Thoth (Θεῦθ em *Fedro* 274c7 e *Filebo* 18b), Neith (Νηϊθ em *Timeu* 21e4), Ámon (Ἄμμων em *Fedro* 274d4, *Político* 257b, *Alcibiades Segundo* 148e3, *Leis* V 738c1, lembrando do sincretismo presente em Zeus-Ámon) e muito provavelmente Anúbis (referido como “μὴ τὸν κύνα τὸν Αἰγυπτίων θεόν” em *Górgias* 482b5, mas aparecendo como “νῆ τὸν κύνα” em *Hípias Maior* 287e5, *Apologia* 22a1, *Fédon* 98e5, *Crátilo* 411b3, *Fedro* 228b4, *Cármides* 172e4, *Lísias* 211e1, *Górgias* 466c3, *República* III 399e5).

2 Os relatos antigos sobre a viagem de Platão ao Egito possuem discordâncias entre si, porém não vejo motivo para duvidar do fato, pois essa experiência itinerante é algo coerente com a vida daqueles gregos. Diógenes Laércio, em *Vidas e Doutrinas* III 6, afirma que Platão viajou para o Egito quando tinha em torno de 30 anos, Diodoro da Sicília, em *Biblioteca histórica* I 96.2, informa que os sacerdotes egípcios tinham registrado por escrito sobre a vinda de Platão e outros gregos, enquanto que Estrabão, em *Geografia* XVII 29, diz que Platão passou treze anos em templos egípcios de Heliópolis aprendendo as doutrinas dos sacerdotes. Essas e várias outras referências são discutidas, com maior acuidade, por Svoboda (1952).

3 Considero que essa discussão sofreu a exotização do orientalismo criticada por Edward Said (2007). Um bom exemplo disso é Burkert (2007), o qual apesar de ter uma posição mais moderada e reconhecer a influência do pensamento estrangeiro no mundo grego, ainda relega outras filosofias anteriores à Grécia como *wisdom literature*, definindo-as como trivialidades. Não há como esquecer que a maior parte dessa discussão se deu ainda durante o último período da colonização europeia, e que o paradigma hoje, após a história dos subalternos e estudos pós-coloniais, definitivamente mudou. Na realidade, essa construção é até mais moderna que antiga, pois, por exemplo, ainda na Antiguidade Queremão de Alexandria (filósofo estoico do séc. I EC que também se tornou sacerdote em templo egípcio) escreveu um livro, hoje perdido, sobre os hieróglifos e nos ofereceu uma leitura helenizante do Egito, ao afirmar que os sacerdotes egípcios (caracterizados por ele como filósofos estoicos exemplares) filosofavam em seus templos e eram considerados filósofos pelo seu próprio povo. Sobre a vida de Queremão, ver HORST, 1984, p. IX-XI; em relação à descrição da Filosofia Egípcia praticada pelos sacerdotes e escribas, ver fragmento 10 (Ibid., p. 16-23).

4 Ao longo dos anos 80-90 houve uma relativa profusão de artigos e livros tratando o tema da localização da cidade perdida de Atlântida (a qual é mencionada no *Timeu* e no *Crítias*), o que deu origem a teses as mais diversas possíveis, muitas até mesmo indo além do que é academicamente aceitável.

5 *Corpus Hermeticum* é um texto da época romana que integra tradições de Mistérios gregos e egípcios, um sincretismo exemplificadamente simbolizado pela figura de Hermes Trimegisto, o qual combina Thoth e Hermes.

verdade, o projeto visa realizar análise textual comparativa entre passagens do *corpus platonicum* e textos egípcios anteriores à época de Platão (ou até mesmo posteriores, ptolomaicos, mas com perceptíveis partes mais antigas em seu cerne), objetivando, assim, explicitar as próprias decisões filosóficas relacionadas à escolha dessas menções e seus significados contextuais implícitos. Para atingir esse fim, a pesquisa não se centrará apenas em alusões evidentes ao Egito, por exemplo, quando cidades e deuses são nomeados, mas também procurará desvelar analogias, imagens, símiles e expressões que apresentem alguma correlação factível com narrativas presentes em textos egípcios. Além disso, cabe ressaltar que essa postura se insere em uma perspectiva crítica mais ampla, dado o *καρπός* da nossa academia contemporânea e a expectativa de decolonizar os cânones e todas as questões envolvidas na revisão do milagre grego, pois isso traria à tona a discussão sobre Filosofia Egípcia e o impacto dela na cultura grega. Por fim, este trabalho tem potencial de fomentar a discussão sobre temas pouco pesquisados na academia brasileira, demonstrando o caráter inovador da pesquisa, a qual poderá incentivar a melhor compreensão da Filosofia Platônica e ainda contribuir com a democratização do saber.

Dado o fato de que a língua egípcia só foi desvendada no século XIX e que as traduções desses textos só começaram a ser publicadas, em série, do final daquele século para o início do XX, conclui-se que a possibilidade de tal perspectiva de pesquisa aqui apresentada é algo ainda muito recente na História da Filosofia. Alguns pesquisadores⁶ já abordaram esse campo de estudo, por exemplo, Susan Stephens (2016) discute a influência da *m³t* na *República*⁷ e Pierre-Maxime Schuhl (2010, p. 36–37, 137) destacou o apreço conservador de Platão pela arte egípcia⁸, porém o interesse geralmente ficou reservado a discussões históricas ou a algum aspecto pontual que desejaram destacar na argumentação platônica, sem vislumbrar encontrar paralelos textuais significativos.

Apenas bem recentemente, com o artigo do pesquisador de Platão na Universität Heidelberg, o Christoph Poetsch (2021), houve um giro cognitivo⁹, pois este autor conseguiu evidenciar paralelos textuais convincentes entre a crítica à escrita¹⁰ presente no *Fedro* 266c-279c e o *Livro de*

6 Autores de diversas linhas publicaram sobre a historicidade da viagem ou o pensamento de Platão (em várias áreas, como metafísica, ética, política e estética) em relação a concepções oriundas do Egito, porém não são trabalhos que tentaram explicitar paralelos com fontes textuais egípcias, como por exemplo: BRISSON, 1987; BURGER, 1978; DAVIS, 1979; DERRIDA, 2005, p. 31-42; FESTUGIÈRE, 1947; FUENTE, 2013, 2013; GODEL; DAUMAS, 1956; HARTOG, 1986; JOLY, 1982; KÁKOSY, 1993; LEFKA, 1994; MATHIEU, 1987; MCEVOY, 1993; NAWRATIL, 1974; OBENGA, 2005; SATTTLER, 2010; VEGETTI, 2022. Ressalto que, além de base de dados online como *SciELO*, *Persée*, *Academia.edu*, *Google Scholar*, *Cairn.info*, *Dialnet* e outras, também pesquisei por publicações exclusivamente a respeito de estudos platônicos, na compilação de trabalhos feitos sobre Platão de 1958 a 2022, elaborada por Luc Brisson com ajuda de colaboradores, e conhecida como *Bibliographie platonicienne*. Obviamente, essa listagem aqui não pretendeu ser exaustiva, mas já demonstra como essa pesquisa ocupará um nicho ainda não muito explorado, mas que conta com trabalhos conceituados para dialogar.

7 Stephens (2016), professora aposentada da Stanford University, discute, a partir da divisão de classes na Calípolis, a relação com o *Busíris* de Isócrates e os paralelos envolvidos com a organização política egípcia, contrastando a justiça platônica com o ideal de ordenamento oriundo da ideologia faraônica de *m³t*.

8 Em *Leis* II 656d-e, Platão se refere ao Egito com relação à educação pela música, dizendo que por lá os jovens se exercitam em belas posturas e melodias para terem seus hábitos criados desde cedo. O Egito é utilizado então como um paradigma de imutabilidade estética, o qual Schuhl (2010), que foi professor na Sorbonne, compreende como um ideal conservador.

9 Kade (2022, p. 291), por exemplo, considera o artigo de Poetsch como um estudo exemplar que pela primeira vez identificou em Platão um texto egípcio precursor.

10 Lembrando que Platão também realiza uma crítica à escrita na *Carta* VII 344c. No entanto, esse projeto não coaduna com as ideias defendidas pela escola Tübingen-Milão em relação às supostas doutrinas não-escritas de Platão, pois, muito pelo

Thoth (que teve a *editio princeps* feita pelos egiptólogos Richard Jasnow e Karl-Theodor Zauzich e publicada somente em 2005). Considero esse trabalho de Poetsch o que mais avançou na proposta aqui defendida, apresentando boa metodologia e seguindo o padrão de qualidade que almejo como modelo. Ressalto essa questão, pois no campo da interculturalidade entre Grécia e Egito (não apenas Platão), existe uma bibliografia que é bem problemática¹¹ e da qual sou consciente de analisar com cuidado redobrado. Sendo assim, ao longo desse projeto abordarei a questão da imagem em Platão e farei um breve excursus sobre a definição de Filosofia Egípcia, bem como descreverei um estudo de caso que presentificará o estado da arte dessa discussão, discutindo depois a metodologia pretendida e apresentando alguns resultados preliminares. Dessa forma, imagino que será possível oferecer uma boa compreensão da proposta de pesquisa aqui defendida e trazer transparência ao trabalho que procuro desenvolver.

OBJETIVOS

O principal objetivo deste projeto é ampliar a discussão acerca da influência do pensamento egípcio em Platão. Para alcançarmos essa meta, será preciso a) executar a revisão bibliográfica sobre este tema; b) realizar pesquisa e análise de imagens no *corpus platonicum* para demonstrar possíveis paralelos textuais com textos egípcios; c) promover a exposição dos resultados encontrados em meio acadêmico, por artigos e comunicações orais. Um segundo objetivo é amparar o público acadêmico não especializado nesta temática com d) traduções de artigos selecionados que tenham tido papel representativo nessa discussão; e) ações para fomentar o debate sobre Filosofia Egípcia (as quais se coadunam com as novas demandas paradigmáticas por um ensino não exclusivamente eurocêntrico).

Como objetivos específicos, o projeto prevê a elaboração de três artigos, um em português que explorará a temática sobre o *Fedro* e o *Livro de Thoth* e outros dois diretamente em inglês focando nas descobertas sinalizadas nos resultados preliminares. Também há a previsão, a depender de questões relativas ao direito autoral e aceite editorial, de publicar uma seleção de artigos relevantes traduzidos para o português relacionados à influência do Egito presente em Platão, com o formato de livro estilo *companion*. Além disso, a depender da abertura encontrada no Departamento de Filosofia da USP, pretendo promover um Seminário de Leitura com a bibliografia relacionada e um Curso de Extensão visando expor ao público, principalmente de graduandos, esse assunto que

contrário, a pesquisa proposta neste projeto tem um forte caráter textualista.

11 Nessa busca por similaridades conceituais entre o mundo grego e egípcio, é possível encontrar muitos trabalhos publicados que não considero terem demonstrado um alto nível de rigor metodológico, pois ou são superficiais demais em suas comparações, isto é, não provam seus argumentos com boas evidências, ou até mesmo se aproximaram mais da Egiptomania, do Ocultismo, do Gnosticismo ou mesmo de posturas meramente militantes e anacrônicas (a exemplo de boa parte da produção afrocentrica que repisa a tese do legado roubado defendida por George James em *Stolen legacy*). Devido a isso, sinto o dever de explicitar que seguirei sempre colhendo apenas as opiniões de autores relevantes, com boa atestação de formação acadêmica e argumentos sólidos, além de deixar nítido que meu foco é na pesquisa relacionada a Platão e não ao mundo grego ou egípcio como um todo.

não é amplamente discutido, visando democratizar o acesso aos temas envolvidos neste projeto. Ao longo do Pós-doutorado, pretendo também expor os resultados em ao menos uma apresentação oral em algum evento acadêmico.

JUSTIFICATIVA

Esse projeto tem caráter interdisciplinar (entre Egiptologia e Clássicas, entre Filosofia, Letras e História), mas se radica nos estudos platônicos e na História da Filosofia. Fazer essa distinção logo de início é importante para destacar o interesse que fundamenta esta pesquisa, isto é, a proposta é pesquisar os resquícios do pensamento egípcio que se encontram presentes nos diálogos platônicos. Friso também que esta é uma proposta de alguém ancorado na formação clássica, isto é, de um Bacharel em Filosofia e em Letras Clássicas, com Mestrado e Doutorado em Filosofia Grega, tendo pesquisado Platão em ambos, mas que também estuda o Egito e a língua egípcia. Isso é importante para destacar que a realização dessa pesquisa seguirá os rigores típicos da metodologia de estudos sobre a Antiguidade, sem cair em projeções anacrônicas de quem não tem a mesma formação acadêmica (como temos visto em algumas produções brasileiras). Em relação ao potencial da pesquisa e seus futuros resultados, acredito que será possível contribuir tanto para elevar o nível da atual discussão sobre o assunto principal, incentivando a profusão de novos trabalhos e pesquisas, quanto para confrontar os pontos de vistas seguros, porém defasados, de quem se recusa a aceitar que há conteúdos filosóficos no pensamento egípcio, uma vez que essa pesquisa evidenciará como Platão foi influenciado por ele, já que é possível rastrear essa influência em sua obra por meio da comparação textual. Em suma, acredito que esse projeto venha a ocupar um espaço ainda pouco explorado na academia como um todo, dada a relativa baixa quantidade de produção textual a respeito, mas principalmente na academia brasileira, que carece de investigações similares. Logo, considerando o cenário mais positivo, tal trabalho poderá promover os estudos platônicos executados no Brasil com certo destaque, já que viso publicação em inglês (a língua franca da academia contemporânea), porém, mesmo se os resultados forem os mais pífios possíveis e considerando a possibilidade de tudo dar errado (o que não acontecerá, porque já trago evidências no projeto de que o campo é promissor), este trabalho ainda assim oferecerá maior acesso a uma bibliografia ainda pouco estudada, fomentando a discussão sobre este tema na academia brasileira e propiciando que novas pesquisas possam seguir a partir do que foi feito aqui.

DESENVOLVIMENTO

Dado os paralelos textuais encontrados por Poetsch (2021), como explicitarei adiante (na análise de caso sobre o estado da arte desse campo de pesquisa), é muito provável que Platão tenha tido conhecimento do *Livro de Thoth* ou de alguma parte constituinte dele¹² e que o tenha criticado, no *Fedro* 266c-279c, pois essa passagem é uma referência direta ao Egito e ao deus Thoth. Essa passagem contém argumentos contrários à interpretação egípcia sobre a escrita, o que a configura então como uma crítica filosófica a uma outra escola mais antiga. Sendo assim, o artigo indicado acima mostra-se um marco recente que torna difícil recusar a influência egípcia em Platão. No entanto, o que quero destacar aqui é que, entre a publicação deste diálogo egípcio e o artigo que o compara ao *Fedro* de Platão, passaram-se quase vinte anos e ninguém tinha evidenciado, com clareza, a notória semelhança textual (nem mesmo os editores do *Livro de Thoth*). Isso demonstra, por um lado, como a formação acadêmica de estudiosos do mundo grego e egípcio se encontra desconectada, por outro, como ainda impera a noção etnocêntrica de que os gregos estariam para além de outras civilizações, impedindo até mesmo de reconhecer imagens e palavras semelhantes em um texto grego que nomeia o Egito, cidades nilóticas e seus deuses. Tal publicação recente, portanto, demarca um indício maior, de que houve uma mudança de paradigma referente à Filosofia e que considerar o pensamento egípcio como filosófico está se cristalizando como um fato dado na academia contemporânea.

Além disso, é preciso destacar que qualquer pesquisa ao *TLG*, ou mesmo uma leitura atenta como a de Obenga (2005), já seria suficiente para perceber a influência do Egito em Platão, pois ela é explicitada pelo próprio autor em mais de uma obra. O problema reside então em sair do apontamento de generalidades temáticas e identificar onde exatamente encontramos alusões, diretas ou não, que expressem tal influência e que correspondam à letra dos textos egípcios. Esse é o ponto que considero ainda pouco explorado e que exemplifica o campo no qual essa pesquisa deseja se inserir. Logo, a proposta defendida é buscar paralelos textuais (por meio de imagens, símiles, metáforas, etc.), bem como contrastar tematicamente possíveis referências a textos que tenham influenciado Platão e que, diretamente ou não, possam ser identificados e apontados.

O foco de pesquisa, portanto, é na comparação textual com a produção bibliográfica anterior ao período clássico grego, isto é, da Dinastia XXX do Egito para baixo, podendo incluir textos de datação posterior, mas que tenham indícios de origem, ao menos parcial, anterior à época de Platão.

12 A datação desse diálogo egípcio ainda não é definitiva e é motivo de disputa na Egiptologia. Contudo, há indícios de que ao menos algumas partes tenham se originado no segundo milênio antes de nossa era, sendo bem-aceita a hipótese de datação anterior à Grécia Clássica, mesmo que os editores da *editio princeps* tenham sido cautelosos e definido uma datação no período ptolemaico, devido a maior parte dos fragmentos serem escritos em demótico (JASNOW; ZAUZICH, 2005, p. 72-73; POETSCH, 2021, p. 212; PRIES, 2016, p. 457; QUACK, 2007, p. 288-289). Isso significa que há alta probabilidade de que a identificação desse tipo de paralelo demonstre o conhecimento sobre a Filosofia Egípcia que Platão tinha, uma perspectiva que até bem recentemente não era muito pesquisada, mesmo com tantas evidências atestadas ainda na Antiguidade.

A exclusão do Egito Ptolemaico e Romano se deve ao fato de que, a partir do encontro de culturas promovido da dinastia macedônica em diante, o sincretismo ganhou uma vitalidade ainda não experimentada, o que gerou novas camadas de complexidade, pois ao invés de facilitar a identificação do pensamento de uma cultura e de outra, houve um quiasma que fundiu diversas influências (que ainda podem incluir o pensamento indiano) em uma nova esteira, como, por exemplo, no que aparece no *Corpus Hermeticum*, que vincula o Thoth egípcio ao Hermes grego e reúne misticismo e religião à filosofia. É por essa característica que pretendo, ao menos nesse primeira fase de projeto, não relacionar essa pesquisa ao estudo do hermetismo, pois considero um documento tardio que sofre a influência de muitos autores ainda da Antiguidade, porém de séculos posteriores às informações disponíveis ao autor que trabalho, Platão.

Essa ruptura também é presentificada pelo fato de desconhecermos textos de autoria propriamente egípcia (isto é, não de autores greco-romanos nascidos no Egito, mas de egípcios originários escrevendo em egípcio) que nos falem sobre os pensadores gregos, como acontece, por exemplo, na cultura árabe medieval, na qual podemos encontrar Averróis discutindo, em árabe, sobre a *República* de Platão. Outro ponto determinante é que com a ascensão do cristianismo perdemos a habilidade de ler em egípcio e consultar aquele pensamento original, fazendo com que da Antiguidade Tardia ao século XIX todo esse conhecimento estivesse encerrado no esquecimento. Eis o porquê de eu situar a revisão bibliográfica aqui apresentada apenas na produção bibliográfica do século XX em diante, pois somente em nossa época o conhecimento do egípcio antigo retornou com vigor, e não mais prezamos o modo de leitura típico do sincretismo antigo, tornando possível que esse modelo comparativo de pesquisa possa ser realizado.

Pequeno excurso sobre o gênero dos textos e a Filosofia Egípcia

Ao identificar em quais passagens o pensamento egípcio se reflete em Platão e analisar como se materializa essa influência, surge a possibilidade de trabalhar com o cânone de um modo não-canônico, isto é, essa proposta nos possibilita analisar aspectos marginais ainda pouco explorados nos estudos platônicos, mas mantendo o alto rigor metodológico necessário a uma pesquisa que pretende contribuir para o fortalecimento de uma mudança de paradigma já atuante na Filosofia. Em outras palavras, a proposta de analisar as imagens platônicas nas quais existem referências e paralelos textuais com textos egípcios propicia uma validação, pelo *status* de filósofo ideal representado pela figura de Platão, de uma discussão secundária (em relação ao escopo do projeto), a qual reforça o tratamento da Filosofia Egípcia com seriedade, sem necessitar revitalizar a querela, de décadas atrás, sobre a existência ou não de conteúdos filosóficos nesse pensamento oriundo das margens do Nilo. É um projeto, portanto, focado nos estudos platônicos, porém que não

se fecha a essa questão subjacente, popular desde que os estudos decoloniais se solidificaram na academia.

Com relação aos textos egípcios, eles estão usualmente reunidos em coletâneas e disponíveis em várias traduções, como as de Telo Canhão (2010) e Emanuel Araújo (2000) em português, as de William Simpson (2003) e Miriam Lichtheim em inglês (1975, 2006a, 2006b), as de Gaston Maspero (1911) em francês, como também, evidentemente, em edições críticas individuais, como a do *Livro de Thoth* elaborada por Richard Jasnow e Karl-Theodor Zauzich (2005). No entanto, não há um consenso definitivo sobre como classificar esses textos quanto ao seu gênero. Há, obviamente, obras de interesse histórico, como inscrições, mas também textos considerados como poesia (da qual não se sabe a métrica), outros definidos como contos e instruções morais, outros ainda de origem religiosa, como hinos, rituais e encantamentos mágicos, para além daqueles que não apresentam um viés criativo e são fruto do cotidiano, como as cartas comerciais e as listas contábeis. No que tange o texto filosófico egípcio, ele muitas vezes nem é explicitado como um gênero textual, sendo catalogado meramente como textos de instrução moral (*sbʿyt*), *littérature d'idées*, *wisdom literature*, textos de sabedoria ou literatura sapiencial.

Para além de autores afrocêntricos reconhecidos como Maulana Karenga (2004)¹³, Molefi Asante (2000) e Théophile Obenga (1990), os quais destacam o Egito antigo pela perspectiva dos estudos africanos, reputados egiptólogos de formação tradicional (eurocêntrica), como Erik Hornung (1987), James Allen (1989), Juan Castillos (2014) e Bill Manley (2023), bem como estudiosos da Antiguidade, feito José Carreira (1994) e Emerson Facão (2018), mostram-se cada vez mais favoráveis a sustentar a terminologia “Filosofia Egípcia” e destacar esse pensamento em seu contexto, através da discussão de conteúdos filosóficos presentes tanto em papiros quanto em inscrições e murais. Um dos motivos mais óbvios a essa classificação ainda ser objeto de disputa é a influência do etnocentrismo presente na Filosofia, pois muitos são os que saúdam os gregos e se fecham aos outros povos, principalmente aqueles em território africano. Décadas atrás, por exemplo, o egiptólogo francês Jean Yoyotte (1972) percorreu páginas discutindo o pensamento egípcio, em relação a temas como cosmologia e ética, mas preferiu classificá-lo como pré-filosófico, outro exemplo é que a posição majoritária do passado, bem representada por Lichtheim (1997, p. 1-8, 93-94), a qual agregava esses textos na denominação de “instruções”, na esteira dos Estudos Bíblicos em relação ao texto judaico *Sabedoria de Salomão*, que classificava essa bibliografia como literatura sapiencial (uma forma etnocêntrica de rebaixar o conteúdo filosófico originário de uma cultura antiga distinta da grega). Contudo, a crescente aparição de publicações recentes, como as acima mencionadas, demonstram que já ocorreu a mudança de paradigma e que a

13 O livro de Karenga (2004, p. xvii-xxi) apresenta uma leitura filosófica e contou com uma *foreword* do reputado egiptólogo Jan Assmann, um fato que traz um reconhecimento ao trabalho deste autor afrocêntrico, porém esse prólogo foi criticado como uma má interpretação da própria obra resenhada (LADIMEJI, 2021), um indicativo que a querela entre *African studies* e Egiptologia restará por algumas décadas e de que Platão pode ser usado como pivô, pois é referido pelos três autores comentados nesta nota.

hegemonia sobre a existência da Filosofia Egípcia vem se firmando cada vez mais no ambiente acadêmico.

No entanto, o estudo dela ainda conta com outras camadas de dificuldade, pois a questão da autoria, nos textos egípcios, em muitos casos não é explicitada ou é projetada em algum estimado personagem do passado histórico ou mesmo em um deus, como um argumento de autoridade. Além disso, textos antigos do Egito (e da Mesopotâmia) apresentam intensa intertextualidade, principalmente temática, a qual se expressa por partes oriundas de uma escrita mais antiga ou mesmo relacionada às marcas da oralidade e da memória coletiva, tornando difícil a datação do pensamento para além da materialidade do suporte textual. Isso leva a versões distintas dos textos, por exemplo, o que chamamos de *Livro dos Mortos* e *Textos dos Sarcófagos* são, na verdade, um compilado diferente para cada defunto, uma edição própria, ao contrário dos livros greco-romanos, os quais possuem *emendationes* em uma única edição crítica. Essa complexidade, somada à perda documental pelos séculos e o estado fragmentário dos textos que nos foram legados, dificulta o estudo e o enquadramento de correntes ou escolas filosóficas, bem como prejudica a compreensão sobre como essas linhas de pensamento se interconectavam, se criticavam e se distanciavam. Fatos esses que projetam um problema maior ainda quando se pretende perceber e destacar o enraizamento e influência desse pensamento em autores de outra cultura e tradição, como Platão.

No entanto, esse é um desafio que pessoas com formação de Filosofia Antiga no séc. XXI precisam se aventurar. O reflexo da profusão de estudos decoloniais nos Estudos Clássicos e na Egiptologia já fez a roda da fortuna girar, sendo que cada vez mais a leitura tradicional de que só os gregos produziram Filosofia está se revelando a sombra de um passado colonial e um fantasma etnocêntrico. É preciso então tomar partido e não recusar as questões do presente, mesmo que trabalhando com textos escritos há milênios. Um exemplo de como o que é compreendido como Filosofia pode ser reavaliado, é a nova luz que foi lançada sobre o movimento sofista por autores como George Kerferd no séc. XX, pois mesmo que Platão tenha definido a sua própria φιλοσοφία como o único modelo a ser seguido, autores como Górgias hoje em dia são discutidos pelo viés filosófico e aceitos com normalidade nos departamentos de Filosofia. Não podemos deixar de reconhecer então que, quer seja em textos em seu próprio gênero filosófico, quer seja pelo reflexo dos conteúdos filosóficos disseminados na literatura (como acontece tanto nos contos egípcios quanto na obra de autores mais conhecidos como Sartre ou Camus), a Filosofia também se faz presente nos textos escritos ao longo do Nilo, a ponto desse pensamento ter sido influente na formação de autores gregos consagrados pela tradição filosófica. O motivo de eu abordar esta questão é que, mesmo que esse projeto esteja centrado nos estudos platônicos, é evidente que a correlação proposta também fomentará a discussão sobre um tipo de Filosofia feita em território africano e por um povo não europeu. Considerando que *mr-rh* (como aparece no *Livro de Thoth*)

significa, literalmente, aquele que ama o conhecimento (ou o que deseja aprender) e que isso é semanticamente análogo a φιλόσοφος, como aquele que ama a sabedoria (JASNOW, 2016, p. 325; JASNOW; ZAUZICH, 2005, p. 13-15; POETSCH, 2021, p. 207), o saber dos filósofos egípcios está aí para ser discutido e estudado, sendo que o aporte através da proposta aqui defendida é um modo de trazer o reconhecimento desse pensamento filosófico pela autoridade de Platão, o qual fora, quase sempre, elogioso com o Egito.

Platão e o uso de imagens

Os egípcios formam uma cultura que fala não só através de imagens, no sentido plástico e pictórico das artes visuais, mas pelo próprio uso linguístico e pela forma pela qual registram seu pensamento em textos escritos. Nestes, as analogias, jogos de palavras, metáforas, etc., são recorrentes, uma vez que acreditavam que a exposição de um argumento por diversas perspectivas melhoraria a compreensão, tendo essa característica originado um sistema imagético de representação do mundo, com o qual o pensar por imagens expressaria o conhecimento posto em discussão (LABOURY, 1998, p. 132-135). Assim, não é apenas com a escrita hieroglífica que o texto emprega imagens, pois a forma egípcia de pensar incute reflexões filosóficas, metafísicas e religiosas em verdadeiros fractais conceituais que são expressos através de figuras de linguagem. Esse caráter fractal é acentuado pela intertextualidade, pois os textos costumam ter paralelos que remetem uns aos outros, fazendo com que as ideias filosóficas atravessem os séculos e se presentifiquem na memória cultural¹⁴ desse povo.

Em relação ao uso de imagens para transmitir conteúdos filosóficos, Platão é um autor com uma posição relativamente ambígua. É preciso compreender que sua posição varia de uma negação total do valor epistêmico da imagem (εἰκασία), como presente na Linha Dividida da *República*, a uma aceitação do limite humano de acesso ao conhecimento pela incorporação de imagens (εἰκών), a exemplo da segunda navegação defendida no *Fédon* 99d-100a. Nesta passagem, o próprio λόγος, enquanto argumento discursivo, é considerado uma imagem (εἰκών), o que aproxima as noções de imagem e discurso em relação à obtenção do conhecimento. Essa característica do argumento expresso como imagem também é reforçada no *Timeu*, o qual defende o discurso verosímil (εἰκὼς λόγος) como um caminho para o conhecimento, no sentido de que representa não só o que parece verdadeiro, mas o que deveria ser, isto é, uma opção razoável e normativa (BETEGH, 2010, p. 214; BURNYEAT, 2005, p. 146-147). Algo similar também aparece no *Fedro* 273d-e, relacionado ao que é plausível (τὸ εἰκός), pois o uso retórico da semelhança permite que o filósofo direcione essa característica imagética do discurso à verdade obtida pela dialética (FIERRO, 2023, p. 119-121).

¹⁴ Memória cultural é um conceito importante para egiptólogos e que foi defendido pelo casal Jan e Aleida Assmann. Para uma rápida introdução, veja ASSMANN, 2008.

Em suma, independentemente de qual diálogo escolhermos como chave de leitura para fundamentar nossa opinião sobre o que Platão pensava sobre as imagens, isto é, se aderirmos à *República* em relação à negação de seu valor, ou se a aceitamos como instrumento de conhecimento, como no *Timeu*, *Fédon* ou *Fedro*, temos que reconhecer que ao longo dos diálogos há o emprego de diversas imagens para discutir as posições filosóficas do autor.

Logo, compreender que o maior nível epistêmico, aquele obtido pela contemplação de ideias com a νόησις, ocorre apenas pela dialética sem utilizar as hipóteses imagéticas da διάνοια, é tomar um partido a partir da *República* e esquecer que o processo formativo do dialético não nega o emprego de certos tipos de imagens para atingir esse fim último (MESTI, 2017, p. 19-20)¹⁵. Afinal, a εἰκασία rejeitada trata do erro de tomar aparências como o que existe de fato, pois é compreendida como um tipo de cognição não-racional, de base empírica e que não alcança nada para além da informação sensória (HAMLYN, 1958, p. 23; STOREY, 2020, p. 50-54). Sendo assim, utilizar imagens normativas, como paradigmas de valores almejados, permanece uma opção possível e que pode ser instrumentalizada pela Filosofia. Essa fundamentação, portanto, é um indicativo de como o falar através de imagens, tão comum ao pensamento egípcio, é algo coerente com a exposição de um pensamento filosófico, como o texto platônico bem ilustra.

Dessa forma, a primeira hipótese que pode ser levantada é que Platão utiliza imagens do pensamento egípcio em tom crítico, sempre para enaltecer a sua própria Filosofia. Por exemplo, como veremos adiante, a figura de Thoth simboliza o contrário da inquisição dialética, o aviário e os pássaros-pensamentos são como as palavras-pássaros que Seshat organiza, figurando um símile para descrever o erro epistemológico (o paradoxo das opiniões falsas), tal qual o cenário idílico descrito sobre Atlântida e a ilha encontrada pelo naufrago, são empregados para descrever uma crítica a Atenas contemporânea. A alteridade egípcia é empregada então não meramente pela exotização do estrangeiro, como epítome da diferença, mas porque é possível traçar, até certo ponto, a influência do pensamento filosófico nessas narrativas, sugerindo não um roubo da Filosofia (como cegamente defendem as leituras afrocêntricas mais rasas), mas o próprio debate filosófico entre uma tradição mais antiga e centrada em pensamentos imagéticos com uma outra centrada no discurso e na dialética, mas que também se apropria de imagens explicativas.

Por essa chave de leitura, os símiles e analogias empregados por Platão conformam uma escrita de tipo hieroglífica, no sentido em que remetem a exemplos imagéticos de não-definições, representando um pensamento ao contrário, a antítese de sua perspectiva, o que o ajuda a contrastar a sombra das opiniões falsas com a suposta clareza de sua Filosofia, do mesmo modo pelo qual ele

15 A tese de Mesti (2017) investiga a diferenciação que Platão faz quanto às palavras diferentes para se dizer “imagem”, como εἶδωλον e εἰκόν, considerando que haveria distinção epistêmica entre esses termos. No presente projeto não procuro efetuar o mesmo caminho, isto é, de criar uma rígida distinção terminológica, mas apenas resgatar o valor filosófico do uso paradigmático que as imagens podem possuir.

se refere às pinturas em murais feitas com a técnica da σκιαγραφία como falsidades que mascaram o real.

Não que isso represente a passagem do mito à Filosofia, como tantas enciclopédias demarcam, mas que o emprego que Platão faz não é de mero aluno divulgador da escola alheia, mas de alguém que, pelas margens do Nilo, conheceu aquele tipo próprio de Filosofia e a criticou, como também fez com vários outros autores gregos, por exemplo, Protágoras e Parmênides. É pela busca de sua própria identidade como filósofo que Platão desenha as imagens, mesmo que caricatas, de outros pensamentos filosóficos. Algo muito próprio àquilo que é a dialética, pois, pela refutação, se demarca a influência socrática como também a autonomia daquela própria escola de pensamento, a qual se encontra inserida em um arcabouço teórico mais amplo que aquele defendido pelos adeptos do milagre grego.

O estado da arte: o *Livro de Thoth* e o *Fedro*

Os estudos mais fecundos que correlacionam Platão com textos egípcios se centraram no *Fedro*, pois nesse diálogo Platão reconta uma narrativa sobre o deus Thoth e a criação da escrita, explicitamente indicando o Egito em vários momentos. Jacques Derrida (2005, p. 31-42), em *A farmácia de Platão* (publicado originalmente em 1968), foi o primeiro a empreender um estudo comparativo entre o texto platônico e o egípcio. Ele analisou o *Fedro* de Platão e procurou ressaltar a influência do pensamento egípcio, retrazando possíveis referências para melhor compreender a alusão a Thoth no *Fedro*. No entanto, ele se mostra influenciado pela leitura mística do *Corpus Hermeticum* (pela perspectiva neoplatônica de Jean Festugière) e chegou a procurar indicações em textos egípcios que estivessem conectadas com o *Fedro*, tendo projetado semelhanças, ainda superficiais, e considerado, por fim, essa passagem como uma fantasia, um mito platônico. As passagens de hinos e textos egípcios citadas por Derrida são provenientes de livros de estudiosos do séc. XX sobre a religião egípcia, utilizadas quase que como aforismos, pois não são uma leitura direta das próprias fontes textuais, constituindo-se assim em uma relação de segunda ordem com o texto original. Apenas na penúltima nota aparece uma referência direta a um texto egípcio, *As aventuras de Satni-Khâmoïs com as múmias*¹⁶, oriundo de uma coletânea de contos traduzida por Maspero (1911, p. 125-154), mas essa história, no entanto, não apresenta um paralelo textual explícito com o *Fedro*.

Entretanto, como aponta Steve Vinson (2017, p. 36-37, 106-107, 269-271), Derrida, ao resenhar esse conto, evidenciou algo que se tornaria mais nítido somente a partir da publicação do

16 Esse conto demótico é conhecido por diversos nomes, como *Setne Primeiro*, *Setne e o Livro de Thoth* ou mesmo *Setne Khamwas e Nanferkaptah*. As variações do título acontecem devido a como diferentes escolas de Egiptologia o nomeiam. Uma vez que Derrida utiliza a versão francesa de Maspero, segui esta linha. O personagem se refere a Khaemuaset, filho do faraó Ramessés II (XIX Dinastia), o qual embarca em uma aventura em busca de um livro mágico escrito pelo próprio deus Thoth.

Livro de Thoth em 2005, isto é, a relação temática entre os escribas e o misticismo egípcio relacionado ao poder da escrita. O objetivo de Derrida com este conto é justificar a argumentação própria de seu livro, ao demonstrar como Thoth também pode ser considerado um deus da medicina e, conseqüentemente, a escrita servir como φάρμακον (compreendido tanto como veneno quanto remédio). Esse capítulo de *A Farmácia de Platão* serve então como um contraexemplo, pois o que busco é identificar similaridades textuais e contrapor pensamentos de origens culturais distintas, isto é, como um historiador da Filosofia, não desejo promover um pensamento filosófico sobre textos antigos para além de sua carga textual, mas identificar paralelos e exhibir como se deu a passagem de um tipo de pensamento para outro, ajudando assim a desenvolver uma melhor compreensão sobre o porquê do uso platônico dessas imagens de referência.

Derrida (2005, p. 41) não fez uma comparação textual explícita, mas, pela citação do conto que ele fez em nota, é possível remontar o paralelo entre *Fedro* 274e com o conto de Satni-Khâmoïs (*Setne I* 3.13), pois Sócrates narra que Thoth forneceu o conhecimento da escrita como um medicamento (φάρμακον) para a sabedoria e para a memória, enquanto que no conto egípcio um velho sacerdote indicou ao príncipe um livro escrito pelo próprio deus Thoth, o qual fornecia amplo conhecimento através da recitação de uma fórmula mágica (*phre*), isto é, pela capacidade de leitura¹⁷. Vinson (2017, p. 270) evidenciou paralelos entre este conto citado por Derrida e o *Livro de Thoth*, sendo corroborado por Jasnow e Zauzich (2005, p. 76, n. 265). Observe que Ramsey (2022, p. 251-525) desconhecia o trabalho de Derrida e Vinson, mas também apontou a ligação entre esses dois textos, o que reforça o caráter intertextual entre esses dois textos egípcios¹⁸. Essa similaridade é aparente pela descrição feita dos hieróglifos em ambos os textos e algumas outras imagens, indicando a típica presença de intertextualidade nos textos egípcios. Vinson (2017, p. 107 e 135) evidenciou a possibilidade de Platão ter sido exposto à tradição mística presente no *Livro de Thoth* e ainda considerou que o uso platônico do termo grego φάρμακον seria uma tradução correta da palavra egípcia *phr.t*, a qual apresenta duplicidade semântica e pode significar remédio e encantamento mágico. A partir disso, Vinson (2017, p. 107) destacou a relação temática entre o *Fedro* e o *Livro de Thoth*, porém não a desenvolveu, nem mostrou paralelos textuais.

Um outro momento desse tipo de análise acontece com a publicação de Bernard Mathieu (2015). O primeiro ensaio que aplicou uma metodologia similar ao que proponho, não foi feito por um pesquisador de Platão, mas por um egiptólogo da Paul-Valéry University com formação em Clássicas, pois ele percebeu uma estrutura frasal comum ao *incipit* de alguns textos do Reino Médio e o *Fedro*. A fórmula *hpr sw.t* (“naquele tempo”, “era uma vez”, aparecendo também com outras variações) é seguida do nome de um rei (histórico ou não) e seus epítetos, bem como destaca algum

17 Essa passagem encontra-se traduzida na edição crítica de VINSON, 2017, p. 114.

18 No entanto, Poetsch (2021, p. 205) discute o φάρμακον no *Fedro* e o relaciona ao *Livro de Thoth*, porém não comenta sobre o conto em questão, nem sobre Derrida.

lugar geográfico, realizando assim a inserção de uma micro-narrativa dentro de outra maior, tal qual Mathieu (2015, p. 388) identifica no *Fedro* 274d: “E naquele tempo Thamous, rei de todo Egito, reinava sobre a magnífica cidade do alto Nilo que os gregos nomeiam como Tebas do Egito [βασιλέως δ’ αὖ τότε ὄντος Αἰγύπτου ὅλης Θαμοῦ περὶ τὴν μεγάλην πόλιν τοῦ ἄνω τόπου ἦν οἱ Ἕλληνες Αἰγυπτίας Θήβας καλοῦσι]”¹⁹. Logo, de acordo com Mathieu, o paralelo estrutural tem fraseologia similar e serve ao mesmo propósito, o de introduzir uma micro-narrativa, o que poderia indicar o conhecimento de Platão em relação a esse *incipit* encontrado em diversos textos egípcios.

No entanto, apenas com Poetsch (2021), houve a publicação de paralelos textuais entre o *Fedro* e o *Livro de Thoth*, uma originalidade reconhecida pelo próprio autor. Seu grande diferencial é ter ido além dos outros autores que discuti nesta seção, uma vez que enumera doze paralelos ao todo (esquematizados em POETSCH, 2021, p. 288-289). Não é minha intenção expor neste projeto todos os passos que ele realizou, uma vez que trata-se de pesquisa já publicada, mas destaco, pelo caráter ilustrativo, o paralelo mais expressivo (POETSCH, 2021, p. 200):

Fedro 276c7-9

Assim, não seriamente as escreverá na água negra, semeando-as pelo caniço com discursos incapazes de assistir-se a si mesmos pela fala, incapazes de ensinar suficientemente a verdade. [οὐκ ἄρα σπουδῇ αὐτὰ ἐν ὕδατι γράψει μέλανι σπείρων διὰ καλάμου μετὰ λόγων ἀδυνάτων μὲν αὐτοῖς λόγῳ βοηθεῖν, ἀδυνάτων δὲ ἱκανῶς τάληθῃ διδάξαι.]

Livro de Thoth (B02, 4/13)

Ele fala, a saber, Aquele-de-Heseret, ele diz: “Escrever é um mar. // Seus juncos são uma margem, // Apresse-se para lá, pequenino, pequenino!” [*hr=f n Hsr:t d=f ym pꜣy sh ꜥt nꜥ.w nꜥe=f ꜥt.w trm n-im=f hm sp-2*]²⁰

Aquele-de-Heseret (*Hsr:t*) é uma forma de se referir a Thoth (em egípcio *Dḥwty*) pelo seu epíteto, sendo desconhecido o porquê da escolha dessa diferenciação, no entanto, Heseret é um espaço sagrado dedicado a Thoth em Hermópolis (JASNOW; ZAUZICH, 2005, p. 9, 133). O *Livro de Thoth* é um diálogo e representa o deus conversando com aquele que ama o conhecimento (*mr-rh*) e busca se instruir. Em seu contexto, essa frase se insere em uma exortação ao aprender, à busca pelo saber que é dado pelo aprendizado da escrita e, conseqüentemente, da leitura. De acordo com Jasnow e Zauzich (2005, p. 211), a metáfora apresentada identifica o ato de escrever (ou mesmo o

19 Tradução minha a partir do grego, tentando conciliar com a versão de Mathieu. Um exemplo dado por esse autor é extraído do conto *Setne II* 3.32-4.1: “Naquela época, em um dia durante o reinado do faraó Menekhpꜣrē Siamon, que era um rei benevolente em todo o país” (tradução minha a partir de MATHIEU, 2015, p. 387).

20 Tradução minha a partir da versão inglesa publicada por JASNOW; ZAUZICH, 2005, p. 203-204 (linha 13).

papiro²¹) com o mar e o pincel de escrita com o junco que encontra-se a suas margens, sendo que o diminutivo realça a relação de proximidade entre o mestre e o discípulo.

Em relação a Platão, utilizei acima a tradução do *Fedro* feita por José Cavalcante (disponível em PLATÃO, 2016, p. 199), pois ele é um tradutor que desconhece essa discussão e por isso não teria como ser influenciado por ela. Note que o que não seria escrito seriamente aparece um pouco antes e seria justamente “a ciência do justo e a do belo e do bom [τὸν δὲ δικάϊων τε καὶ καλῶν καὶ ἀγαθῶν ἐπιστήμας]”, ou seja, corresponde a um modo de indicar as formas, as quais correspondem ao maior nível epistêmico em Platão. Tanto o *Fedro* quanto o *Livro de Thoth* apresentam referências ao campo e a água, sendo que em *Fedro* 276b identificamos o sujeito do “escreverá” da citação acima, isto é, o “agricultor inteligente [ὁ νοῦν ἔχων γεωργός]”. No entanto, o diálogo platônico apresenta uma mudança abrupta entre o contexto da agricultura para a menção do motivo da água encontrado na passagem acima, sendo que é isso é encontrado com facilidade no *Livro de Thoth*, uma vez que a agricultura egípcia ocorria em terrenos próximos às margens do Nilo (POETSCH, 2021, p. 199-200). Uma outra indicação da cultura do Egito na passagem citada e que tem correlação direta com o texto egípcio analisado é a referência ao junco²², pois ele servia como instrumento de escrita tanto na Grécia quanto no Egito, porém os escribas egípcios utilizavam uma tinta aquosa e pintavam o papiro com um caniço feito um pincel, enquanto os gregos empregavam o κάλαμος com a ponta rígida, feito uma caneta (BÜLOW-JACOBSEN, 2011, p. 7; POETSCH, 2021, p. 200).

Dessa forma, o escrever na água é uma imagem que permite executar a comparação textual e evidenciar um paralelo notório, uma vez que, como já destacado previamente, tanto Platão quanto os egípcios utilizam muitas imagens em seus discursos. No entanto, observe que não há sintonia quanto ao significado dessa imagem, pois o que é visto no *Livro de Thoth* como uma característica positiva da escrita, no texto platônico apresenta “uma conotação claramente negativa: aqui é a ocasião para descrever justamente a impermanência da escrita como um elemento no mundo do devir e da passagem, que o agricultor inteligente não tratará com seriedade” (POETSCH, 2021, p. 200, trad. minha). Eis então a principal oposição presente na crítica à escrita do *Fedro* em relação à permanência estimada pelos egípcios, uma imagem textual que aproxima duas culturas e, ao mesmo tempo, as separa fortemente.

Logo, Platão remete aos conteúdos do *Livro de Thoth*, pois almeja distanciar-se da sacralidade da escrita. Esta posição é defendida não só pelo conteúdo do texto criticado, mas pela própria percepção do quê é a escrita no mundo egípcio, pois *mdw-ntr*, isto é, o escrito sagrado, significa, literalmente, a palavra do deus. Além disso, a escrita sacra, a hieroglífica, era considerada

21 A palavra *sh* contém tanto o significado verbal de escrever quanto pode ser um substantivo relativo ao produto desta ação, isto é, um rolo de papiro (livro), ver JASNOW; ZAUZICH, 2005, p. 527.

22 O junco em grego é κάλαμος, enquanto que em egípcio é ‘t, pois aparece com o determinativo de planta (JASNOW; ZAUZICH, 2005, p. 145).

portadora de valores mágicos, a ponto dos nomes próprios serem escritos com o cartucho derivado do hieróglifo *šn*, que simbolizava proteção, para que a pessoa referida não sofresse a ação negativa proveniente de outros hieróglifos presentes na frase, os quais estavam ali pelo seu valor fonético, mas eram representações pictóricas de animais perigosos, como os hieróglifos da cobra (I9, fonograma uniliteral, *f*) ou do leão (E23, fonograma biliteral, *rw*), muitas vezes escritos mutilados para inibir seu potencial maléfico. Dessa forma, Thoth como o deus criador da escrita e doador prometeico desse dom aos humanos, era a representação máxima da sacralidade do texto escrito.

Apontar em seu texto para Thoth não é mero uso instrumental de um mito, tampouco essa indicação deveria ser relevada pelos comentadores, pois ela representa o entrelaçamento entre as culturas e, simultaneamente, as distâncias entre elas. Logo, essa pesquisa que rastreia ao quê Platão alude no *Fedro*, nos ajuda a entender como ele compreende a escrita centrada no que é humano, pois não é mais uma Musa como em Hesíodo, nem um presente divino como o de Thoth, que revela o saber, mas sim o autor da argumentação, o humano. Este é alguém que não é mais reverenciado, mas referenciado, questionado e confrontado, já que o teor dogmático da sacralidade se esvaziou e a autoria humana é, potencialmente, identificável. Poder criticar a argumentação passa então a ser necessário na busca da verdade, pois não é mais o dogma religioso atemporal que valida a veracidade da informação. Além disso, Segundo a interpretação de Fernández (1965, p. 354-355) sobre o mito de Thoth no *Fedro*, o discurso escrito (λόγος γεγραμμένος) é uma imagem (εἶδωλον) da comunicação oral, tendo uma função secundária em relação ao conhecimento das essências. Assim, a crítica à escrita do *Fedro*, quando vista pelo viés dos textos egípcios, realça o antidogmatismo platônico e a dessacralização do escrito, considerado agora como corruptível, uma vez que é mudo e não reage às objeções e dúvidas dos leitores. Ao contrário do mundo egípcio, ainda mais vinculado ao pensamento mágico que o mundo grego, a escrita é considerada morta e sem a vida em Platão, pois esse dinamismo só é obtido pelo ato de debater, διαλέγομαι, isto é, ao por em prática a dialética por meio da refutação.

Pelo que foi exposto, podemos verificar o atual estado da arte nesse modelo de pesquisa que proponho, pois a crítica à escrita presente no *Fedro* possui paralelos temáticos e textuais com o conto *As aventuras de Satni-Khâmoïs com as múmias* e, principalmente, com o *Livro de Thoth*. A pequena revisão bibliográfica que demonstro nesse projeto já é capaz de indicar, com relativo grau de certeza, o conhecimento que Platão tinha dessas histórias, seja por papiros ou mesmo por tradição oral. A identificação desses paralelos permite a melhor compreensão do próprio texto platônico, pois além de podermos reconhecer ao quê ele estava reagindo e criticando, obtemos uma historicidade maior da troca intercultural de conhecimento, como bem temos um estofó mais robusto para alinhar nossa própria perspectiva filosófica sobre o que se passava nas letras do *Fedro*. Além disso, essa análise comparativa traz, em negativo, o pensamento desenvolvido nos templos do

Egito por verdadeiros filósofos que tentaram, dentro de sua cosmovisão, compreender a genealogia da escrita e o valor que ela dispõe para a sociedade, pois estes a compreendiam também em termos éticos, uma vez que conhecer o saber posto em hieroglíficos, as palavras divinas (*mdw-nṯr*), causa o aprimoramento de si (em termos socráticos, seria algo equivalente a busca pela excelência ética), no sentido de desenvolver uma melhor harmonia, um melhor ordenamento com a *mꜣt* que regula o próprio pensar e ser egípcio.

Apesar desse tema ser mais explorado no *Fedro*, esse projeto não se resume a este diálogo, pois o próprio Thoth é referenciado em *Filebo* 18b, além de que, em três outras passagens importantes (*Timeu* 19b-23d, *Crítias* 113a-121c, *Leis* II 656d-657c) há explicitamente referências ao Egito, dispondo de uma larga bibliografia secundária para originar uma análise pertinente à luz da proposta defendida aqui. Antes de Poetsch (2021), por exemplo, o egiptólogo Gwyn Griffiths (1985) publicou um trabalho, bem reputado por alguns (BRISSON, 1995, p. 172; MARREN, 2019, p. 132), considerado frívolo por outros (BURKERT, 1993), no qual destacou o paralelo temático entre o mito de Atlântida²³, introduzido no *Timeu* e apresentado no *Crítias*, com o *Conto do Naufrago*, já que tanto em Platão quanto no texto egípcio existe uma espécie de ἔκφρασις descrevendo a imagem de um lugar distante onde a vida era melhor.

Além disso, Ramsey (2022, p. 246) desconhecia o trabalho de Poetsch, tendo vinculado o *Livro de Thoth* (JASNOW; ZAUZICH, 2005) ao *Fedro* e à retórica egípcia por outro ângulo, sem explicitar paralelos textuais. No entanto, o mais interessante em seu trabalho é como ele explora paralelos temáticos entre a função simbólica de Thoth em relação à escrita e o símile do aviário no *Teeteto* 197b-200d, pois o deus egípcio age como um caçador de pássaros²⁴ que põe em ordem o conhecimento e revela a verdade, sendo que, em Platão, isso seria um conhecimento de segunda ordem, uma vez que é mediado pelo deus e não obtido pela contemplação direta às ideias (RAMSEY, 2022, p. 247-248). Os exemplos analisados nessa seção, em conjunto, mostram como é profícuo esse terreno, pois podemos perceber que a publicação do *Livro de Thoth* foi um marco divisor, mas que o próprio espaço de correlação entre Platão e Egito ainda fornece campo para ser alvo de novas pesquisas, pois muitos outros textos estão disponíveis à espera de consultas e leituras atentas.

23 Para ilustrar, destaco apenas um dos paralelos apontados por Griffiths (1985, p. 9-10), entre *Crítias* 114e-115b: “A ilha produzia tudo em abundância [...] frutos que crescem em ramos altos, os quais são difíceis de armazenar e que usamos apenas por prazer e divertimento” (tradução de Rodolfo Lopes em PLATÃO, 2011, p. 233-234) e o *Conto do Naufrago* 45-50: “Então (uma vez), eu me levantei / para procurar o que comer / e encontrei figos e uvas / lá, bem como todos os vegetais da melhor qualidade” (na tradução de Ronaldo Pereira em PEREIRA; SILVA, 2023, p. 20-21). Acredito que este tipo de paralelo é superficial, pois é só temático e não chega nem a identificar o fruto, o que seria uma boa evidência, tanto é que o tradutor do grego colocou em nota que deveria corresponder à romã.

24 A escrita era personificada pela deusa Seshat, considera uma caçadora de pássaros no *Livro de Thoth* (JASNOW, 2012, p. 73), sendo que os egípcios, de acordo com a polêmica do *Crátilo*, considerariam que as palavras teriam estreita relação com seu significado, isso é seriam naturalistas e não convencionalistas.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa será, basicamente, a leitura feita com atenção e a comparação textual obtida pela busca por imagens, as quais podem ser expressas por palavras e estruturas frasais, para encontrar paralelos entre o *corpus platonicum* e os textos egípcios. Essa comparação será realizada mediante a consulta aos textos em idioma original, isto é, às obras de Platão em Grego Antigo, bem como os textos em Egípcio Antigo, não só pela consulta dos livros e publicações, mas também por meio de ferramentas digitais como o *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG), *Diorisis Corpus*, *Diogenes* e *Perseids Platform* para o Grego e o *Thesaurus Linguae Aegyptiae* (TLA), *Mortexvar*, *Anthroponymes et Généalogies de l'Égypte Ancienne* (AGÉA) e *Ramses Online* para o egípcio.

Ressalto que sou Bacharel em Grego Antigo e Latim pela UFBA, mas também estudei Egípcio Antigo no Curso de Extensão feito no *Núcleo de Estudos da Antiguidade* (NEA) da UERJ em 2019, uma das poucas possibilidades presenciais de ensino da língua egípcia no Brasil (PEREIRA; SILVA, 2021, p. 70). Além disso, realizei cursos de Epigrafia Grega, publiquei traduções nas quais trabalhei com fonte epigráfica, papiros e códex medievais, ou seja, para além da minha formação em Filosofia, tenho alguma experiência com Filologia e na área de Letras. Destaco esses pontos, pois isso me permite ter uma flexibilidade maior no cotejamento de traduções, bem como conferir as edições críticas e estabelecer traduções pontuais de passagens, se for o caso.

RESULTADOS PRELIMINARES

Como essa pesquisa ainda está em sua fase inicial, a de busca por financiamento, ainda não tenho artigos publicados relacionados à proposta. No entanto, pelo próprio projeto, fica evidente que há um artigo já em desenvolvimento sobre o impacto de ideias egípcias na Filosofia Platônica, exemplificadas por dois textos (o conto de Satni-Khâmoïs e o *Livro de Thoth*), os quais são relacionados entre si e exprimem uma interpretação sobre o poder da escrita com a qual Platão dialoga no *Fedro*. Ressalto, contudo, que este projeto como um todo não se resume ao *Fedro*, o comentário a respeito do estado da arte usou esse diálogo como exemplo, pois é nele que a discussão está mais desenvolvida no atual momento. Logo, é através da correlação da bibliografia secundária ali apresentada que exponho o modelo de pesquisa que acredito ser o ideal, bem como o tipo de resultado que almejo e o procedimento metodológico que pretendo desenvolver ao longo do Pós-Doutorado.

Um exemplo prático da proposta aqui apresentada é que encontrei dois outros paralelos com textos egípcios em Platão que ainda não os vi publicados. Peço que compreendam a necessidade de

ocultar a divulgação de tais achados aqui no projeto, pois não publiquei a respeito ainda e estou na primeira fase da pesquisa, procurando apoio financeiro para desenvolver o projeto. Daí a razão desse comentário ser breve e enigmático. Contudo, posso adiantar que o primeiro trata-se de uma analogia no *Górgias*, a qual percebi não só um paralelo textual, como representações iconográficas (pinturas murais em tumbas) que dariam indícios de ser uma imagem (não só textual, como visual) originada no pensamento egípcio. O outro exemplo encontra-se na *República* e é uma correlação ainda conjectural, a qual está no início de desenvolvimento, mas que também é baseada em uma analogia que Platão emprega ao caracterizar o filósofo pelo seu outro, uma caracterização em negativo, sendo possível identificar esse exemplo em um dos contos egípcios, o qual apresenta relação com objetos da cultura material que possuem valor simbólico e podem remeter a uma frase no diálogo platônico. Apesar da Filosofia ser textual, o mundo egípcio como um todo é fortemente visual, a começar pela escrita que tem elementos pictográficos, e essa característica ainda não foi muito explorada ao ser conectada com o pensamento de Platão, um autor grego que utiliza muitas imagens textuais, como metáforas, símiles e analogias em suas obras.

O primeiro artigo tentarei publicar diretamente em português, para fomentar a discussão na academia brasileira a respeito desse tema. Os dois outros tentarei publicar inicialmente em inglês, pois ambos têm caráter inédito e podem com isso alcançar divulgação internacional. Além desses três artigos previstos, acredito que haja interesse editorial em publicar um livro, no mercado brasileiro, com uma coletânea de traduções (organizadas por mim no estilo dos *companions* ingleses) dos principais textos já publicados sobre Platão e Egito, por exemplo, Poetsch (2021), Brisson (1987), Stephens (2016), Laboury (1998) e Mathieu (2015), e se der tudo certo, apresentando ao menos uma tradução de meus próprios artigos em inglês e uma introdução para o público mais amplo. Como esse projeto final dependeria do interesse comercial de editoras e dos direitos autorais da publicação, não tenho como, nesse momento, estar certo da viabilidade disso, porém acredito que seja mais um item possível de publicação oriundo desse projeto aqui defendido.

CRONOGRAMA

Semestre	Ação planejada
1	Revisão da fortuna crítica; obtenção de novas aquisições para a revisão bibliográfica; elaboração e envio para revisão do primeiro artigo para publicação em português; elaboração de Seminário de Leitura.
2	Leitura dos textos e análise comparativa para encontrar novos paralelos textuais; elaboração e envio do primeiro artigo com um paralelo já encontrado; tradução de textos selecionados; execução do Seminário de Leitura; elaboração de Curso de

	Extensão sobre o estado da arte no tema proposto.
3	Execução do Curso de Extensão; elaboração e revisão para publicação do segundo artigo; continuação da pesquisa por paralelos textuais para futuros trabalhos.
4	Contato com editoras para publicação de <i>companion</i> ; participação em evento acadêmico para divulgar os resultados obtidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, J. P. The Natural Philosophy of Akhenaten. Em: ALLEN, J. P. et al. (Eds.). **Religion and Philosophy in Ancient Egypt**. Yale Egyptological studies. New Haven, Conn: Yale Egyptological Seminar, Dept. of Near Eastern Languages and Civilizations, the Graduate School, Yale University, 1989.

ARAÚJO, E. **Escrito Para a Eternidade: a Literatura no Egito Faraônico**. Brasília: Editora UnB, 2000.

ASANTE, M. K. **The Egyptian Philosophers: Ancient African Voices from Imhotep to Akhenaten**. Chicago: African American Images, 2000.

ASSMANN, A. Memory, Individual and Collective. Em: GOODIN, R. E.; TILLY, C. (Eds.). **The Oxford Handbook of Contextual Political Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 210-224.

BETEGH, G. What Makes a Myth ΕΙΚΩΣ? Remarks Inspired by Myles Burnyeat's 'ΕΙΚΩΣ ΜΥΘΟΣ'. Em: MOHR, R.; SATTLER, B. M. (Eds.). . **One Book, The Whole Universe: Plato's Timaeus Today**. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2010. p. 213-224.

BRISSON, L. L'égypte de Platon. **Les Études philosophiques**, n. 2/3, p. 153-168, 1987.

BRISSON, L. La Invención de la Atlántida. **Méthexis**, v. 8, p. 167-174, 1995.

BÜLOW-JACOBSEN, A. Writing Materials in The Ancient World. Em: BAGNALL, R. S. (Ed.). **The Oxford Handbook of Papyrology**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

BURGER, R. Socratic Irony and the Platonic Art of Writing: The Self-Condensation of the Written Word in Plato's "Phaedrus". **The Southwestern Journal of Philosophy**, v. 9, n. 3, p. 113-126, 1978.

BURKERT, W. Egypt and the Classical World. Gwynn Griffiths: Atlantis and Egypt, with Other Selected Essays. Pp. xiv + 329. Cardiff: University of Wales Press, 1991. £39.95. **The Classical Review**, v. 43, n. 1, p. 149-150, abr. 1993.

BURKERT, W. Oriental Wisdom Literature and Cosmogony. Em: BURKERT, W. (Ed.). **Babylon, Memphis, Persepolis: Eastern Contexts of Greek Culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2007. p. 49-70.

BURNEYAT, M. ΕΙΚΩΣ ΜΥΘΟΣ. **Rhizai. A Journal for Ancient Philosophy and Science**, v. II, n. 2, p. 143-165, 2005.

CANHÃO, T. F. **A literatura egípcia do Império Médio : espelho de uma civilização**. Doutorado em História Antiga—Lisboa: Universidade de Lisboa, 2010.

CARREIRA, J. N. **Filosofia antes dos gregos**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1994.

CASTILLOS, J. J. Ancient egyptian philosophy. **RSUE**, v. 31, p. 29-37, 2014.

DAVIS, W. M. Plato on Egyptian Art. **The Journal of Egyptian Archaeology**, v. 65, p. 121-127, 1979.

DERRIDA, J. **A Farmácia de Platão**. Rio de Janeiro: Iluminuras, 2005.

DIODORO DA SICÍLIA. **Biblioteca histórica. Libros I-III**. Tradução: Juan J Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 2004.

FACÃO, E. Alguns documentos sobre a Filosofia Egípcia. **Semna – Estudos de Egiptologia V**, p. 159-169, 2018.

FERNÁNDEZ, J. G. Divagaciones en torno al mito de Theuth y de Thamus. **Estudios clásicos**, v. 9, n. 46, p. 343-360, 1965.

FESTUGIÈRE, A. J. Platon et l'Orient. **Revue de Philologie, de Littérature et d'Histoire Anciennes**, v. 21, p. 5-45, 1947.

FIERRO, M. A. Meanings of εἰκός in Plato's Phaedrus: Criticisms and Appropriations of a Rhetorical Device. Em: SPITZER, D. M. (Ed.). **Studies in Ancient Greek Philosophy: In Honor of Professor Anthony Preus**. London: Routledge, 2023. p. 110-129.

FUENTE, D. H. DE LA. Egipto como Utopía: sobre el 'Busiris' de Isócrates y su posible relación con el pensamiento político de Platón. **Cuadernos de Filología Clásica. Estudios griegos e indoeuropeos**, v. 23, p. 189-205, 14 mar. 2013.

GODEL, R.; DAUMAS, F. Platon à Héliopolis d'Égypte. **Bulletin de l'Association Guillaume Budé**, v. 1, n. 1, p. 69-118, 1956.

GRIFFITHS, J. G. Atlantis and Egypt. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 34, n. 1, p. 3-28, 1985.

HAMLYN, D. W. Eikasias in Plato's *Republic*. **The Philosophical Quarterly**, v. 8, n. 30, p. 14-23, 1958.

HARTOG, F. Les Grecs égyptologues. **Annales**, v. 41, n. 5, p. 953-967, 1986.

HORNUNG, E. L'égypte, La Philosophie Avant Les Grecs. **Les Études philosophiques**, n. 2/3, p. 113-125, 1987.

HORST, P. W. V. D. **Chaeremon: Egyptian Priest and Stoic Philosopher**. Leiden: Brill Academic Pub, 1984.

JASNOW, R. Birds and Bird Imagery in the Book of Thoth. Em: BAILLEUL-LESUER, R. (Ed.). **Between Heaven and Earth: Birds in Ancient Egypt**. Paperback ed. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, 2012.

JASNOW, R. Between Two Waters: *The Book of Thoth* and the Problem of Greco-Egyptian Interaction. Em: RUTHERFORD, I. (Ed.). **Greco-Egyptian Interactions: Literature, Translation, and Culture, 500 BC-AD 300**. Illustrated edition ed. Oxford: Oxford University Press, 2016.

JASNOW, R.; ZAUZICH, K.-T. **The Ancient Egyptian Book of Thoth: A Demotic Discourse on Knowledge and Pendant to the Classical Hermetica**. Wiesbaden: Harrassowitz, 2005.

JOLY, H. Platon Égyptologue. **Revue Philosophique de la France et de l'Étranger**, v. 172, n. 2, p. 255-266, 1982.

- KADE, R. The many Paths into the Chamber of Darkness. **Die Welt des Orients**, v. 52, n. 2, p. 271-310, 29 dez. 2022.
- KÁKOSY, L. Plato and Egypt. The Egyptian Tradition. **Mélanges Hann (István)**, p. 25-28, 1993.
- KARENGA, M. **Maat, the moral ideal in ancient Egypt: a study in classical African ethics**. 1. ed. London: Routledge, 2004.
- LABOURY, D. Fonction et signification de l'image égyptienne. **Bulletins de l'Académie Royale de Belgique**, v. 9, n. 7, p. 131-148, 1998.
- LADIMEJI, D. Jan Assmann and the misreading of African philosophy: the entanglements of Egyptology. **African Century journal**, 2021.
- LAÉRCIO, D. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- LEFKA, A. Pourquoi des dieux égyptiens chez Platon? **Kernos. Revue internationale et pluridisciplinaire de religion grecque antique**, n. 7, 1 jan. 1994.
- LICHTHEIM, M. **Ancient Egyptian Literature: The Old and Middle Kingdoms**. Berkeley: University of California Press, 1975. v. 1
- LICHTHEIM, M. **Moral Values in Ancient Egypt**. University Press Fribourg: Fribourg, 1997.
- LICHTHEIM, M. **Ancient Egyptian Literature: The Late Period**. Berkeley: University of California Press, 2006a. v. 3
- LICHTHEIM, M. **Ancient Egyptian Literature: The New Kingdom**. Berkeley: California State University, 2006b. v. 2
- MANLEY, B. **The Oldest Book in the World: Philosophy in the Age of the Pyramids**. London: Thames & Hudson, 2023.
- MARREN, M. The Ancient Knowledge of Sais or See Yourself in the Xenoi: Plato's Message to the Greeks. **Akropolis: Journal of Hellenic Studies**, v. 3, p. 129-149, 8 dez. 2019.
- MASPERO, G. **Les contes populaires de l'Égypte ancienne**. Paris: E. Guilmoto, 1911.
- MATHIEU, B. Le voyage de Platon en Égypte. **Annales du Service des Antiquités de l'Égypte**, v. 71, p. 153-167, 1987.
- MATHIEU, B. En ce temps-là... Voyage d'un incipit narratif égyptien des bords du Nil à l'Agora (Platon, Phèdre, 274d). **Nova Studia Aegyptiaca**, v. 9, 2015.
- MCEVOY, J. Platon et la sagesse de l'Égypte. **Kernos. Revue internationale et pluridisciplinaire de religion grecque antique**, n. 6, p. 245-275, 1 jan. 1993.
- MESTI, D. N. **Por uma diferenciação das imagens da República de Platão**. Belo Horizonte: EDUEMG, 2017.
- NAWRATIL, K. Platon in Ägypten. **Zeitschrift für philosophische Forschung**, v. 28, n. 4, p. 598-603, 1974.

OBENGA, T. **La Philosophie Africaine de la Période Pharaonique: 2780 - 330 avant notre ère.** Paris: L'Harmattan, 1990.

OBENGA, T. L'Égypte dans l'œuvre de Platon. Em: OBENGA, T. (Ed.). **L'Égypte, la Grèce et l'école d'Alexandrie: histoire interculturelle dans l'antiquité, aux sources égyptiennes de la philosophie grecque.** Paris: L'Harmattan, 2005. p. 105-115.

PEREIRA, R. G. G.; SILVA, T. R. DA. O ensino da língua egípcia clássica no Brasil: desafios e possibilidades usando recursos digitais. **Linha D'Água**, v. 34, n. 2, p. 65, 2021.

PEREIRA, R. G. G.; SILVA, T. R. DA. O Conto do Náufrago (P. Hermitage 1115) - tradução comentada. **Revista de História**, n. 182, p. 1-91, 14 set. 2023.

PLATÃO. **Platonis Opera. Vol. 2: Tetralogiae III–IV.** Oxford: Oxford University Press, 1901. v. 2

PLATÃO. **Platonis Opera. Vol. 3: Tetralogiae V–VII.** Oxford: Oxford University Press, 1903. v. 3

PLATÃO. **Platonis Opera. Vol. 5: Tetralogia IX Definitiones et Spuria.** Oxford: Oxford University Press, 1907. v. 5

PLATÃO. **Platonis Opera. Vol. 4: Tetralogia VIII.** Oxford: Oxford University Press, 1978. v. 4

PLATÃO. **Diálogos VIII: Leyes (Libros I–VI).** Tradução: Francisco Lisi. Madrid: Gredos, 1981.

PLATÃO. **Platonis Opera. Vol. 1: Tetralogiae I–II.** Oxford: Oxford University Press, 1995. v. 1

PLATÃO. **Complete works.** Tradução: John M. Cooper; Tradução: D. S. Hutchinson. Indianapolis: Hackett Pub, 1997.

PLATÃO. **Platon : Oeuvres complètes.** Paris: Flammarion, 2008.

PLATÃO. **Timeu-Crítias.** Tradução: Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

PLATÃO. **Fedro.** Tradução: Jose Cavalcante De Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

POETSCH, C. Das Thothbuch: eine ägyptische Vorlage der platonischen Schriftkritik im Phaidros? **Archiv für Geschichte der Philosophie**, v. 103, n. 2, p. 192-220, 1 jun. 2021.

PRIES, A. H. ἑμψυχα ἱερογλυφικά I: Eine Annäherung an Wesen und Wirkmacht ägyptischer Hieroglyphen nach dem indigenen Zeugnis. Em: LIPPERT, S. L.; SCHENTULEIT, M.; STADLER, M. A. (Eds.). **Sapientia Felicitas: Festschrift für Günter Vittmann.** Montpellier: Université Paul Valéry, 2016. p. 521-538.

QUACK, J. F. Ein ägyptischer Dialog über die Schreibkunst und das arkane Wissen. **Archiv für Religionsgeschichte**, v. 9, n. 1, p. 259-296, 18 dez. 2007.

RAMSEY, S. Psychopompos: Thoth, Plato's Phaedrus, and the Context of Egyptian Mythic Rhetoric. **Rhetorica**, v. 40, n. 3, p. 233-255, 1 ago. 2022.

SAID, E. W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução: Rosaura Eichenberg. Edição de bolso ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SATTTLER, B. M. A Time for Learning and for Counting? Egyptians, Greeks and Empirical Processes in Plato's Timaeus. Em: MOHR, R.; SATTTLER, B. M. (Eds.). **One Book, the Whole Universe: Plato's Timaeus Today**. Las Vegas: Parmenides Press, 2010. p. 249-266.

SCHUHL, P.-M. **Platão e a arte de seu tempo**. Tradução: Adriano Machado Ribeiro. São Paulo: Discurso Editorial, 2010.

SIMPSON, W. K. (Ed.). **The literature of ancient Egypt: an anthology of stories, instructions, stelae, autobiographies, and poetry**. Tradução: Robert Kriech Ritner; Tradução: William Kelly Simpson; Tradução: Vincent Tobin; Tradução: Edward Wente. 3. ed. New Haven: Yale Univ. Press, 2003.

STEPHENS, S. Plato's Egyptian Republic. Em: RUTHERFORD, I. (Ed.). . **Greco-Egyptian Interactions: Literature, Translation, and Culture, 500 BC–AD 300**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 0.

STOREY, D. What is eikasia? **Oxford Studies in Ancient Philosophy**, v. 58, p. 19-58, 17 nov. 2020.

STRABO. **Geography, Volume VIII Book 17. General Index**. H.L. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1932.

SVOBODA, K. Platon et l'Égypte. **Archiv Orientální: Journal of the Czechoslovak Oriental Institute**, v. 20, p. 28-38, 1952.

VEGETTI, M. Dans l'ombre de Thoth. Dynamiques de l'écriture chez Platon. Em: DETIENNE, M. (Ed.). . **Les savoirs de l'écriture en Grèce Ancienne : Nouvelle édition identique à celle de 1988**. Cahiers de philologie. Villeneuve d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2022. p. 387-419.

VINSON, S. **The Craft of a Good Scribe: History, Narrative and Meaning in the *First Tale of Setne Khaemwas***. Leiden: Brill, 2017.

YOYOTTE, J. El pensamiento prefilosofico en Egipto. Em: PARAIN, B. (Ed.). **Historia de la filosofia, Volumen 1: El pensamiento prefilosofico y oriental: Egipto - Mesopotamia - Palestina - India - China**. Madrid: Siglo XXI, 1972.